

RESENHA

COLLECTED PAPERS OF HERBERT MARCUSE PHILOSOPHY, PSYCHOANALYSIS AND EMANCIPATION –VOL. 5

*Silvio Ricardo Gomes Carneiro*¹

A experiência do pensamento deixa sua marca no tempo. Eis uma leitura possível sobre os *Collected Papers of Herbert Marcuse*, que chega ao seu quinto volume². O autor ficou conhecido por seu engajamento nos anos 1960, por conta do que chamou de “feliz convergência” entre o seu pensamento e os movimentos de contestação do período. Desde então, Marcuse se consolidaria como um freudo-marxista e sua influência, de acordo com Hobsbawn, se juntaria aos 3 M’s do período: Marx, Mao, Marcuse. Uma posição que o próprio autor sempre procurou se desvencilhar, recusando sempre quando possível o papel “de pai, avô ou seja lá o que for da *New Left*”. Decerto, manteria o diálogo atento às demandas deste movimento, embora nem sempre tão harmonioso. No fundo, a trajetória intelectual de Marcuse é forjada pela história, com um olhar agudo para as mudanças do seu tempo.

Ou melhor: tempos... Afinal, estas coletâneas trazem a obra de um autor que vivenciou a Era dos Extremos, praticamente. De sua juventude a 1979, Marcuse presenciou as mudanças da República de Weimar, o florescimento do pensamento heideggeriano e do marxismo ocidental, a revolução russa, a ascensão nazista, as duas Guerras Mundiais, a construção dos Estados de Bem-estar social americano e europeu, o governo de Ronald Reagan na Califórnia, a guerra do Vietnã, os movimentos de contra-cultura, o Maio francês, o anti-colonialismo e o anti-imperialismo no Terceiro Mundo. Diante deste quadro de inúmeras superfícies,

¹ Silvio Ricardo Gomes Carneiro é bolsista da FAPESP e doutorando em filosofia pela FFLCH/USP, com a tese “Poder sobre a vida: Marcuse e a biopolítica”, sob a orientação do Prof. Dr. Vladimir Pinheiro Safatle.

² Os Herbert Marcuse’s *Collected Papers* têm os seguintes títulos: *Technology, War and Fascism* (vol. 1, traduzido pela EdUnesp), *Towards a Critical Theory of Society* (vol. 2), *The New Left and the 1960s* (vol. 3), *Art and Liberation* (vol. 4), *Philosophy, Psychoanalysis and Emancipation e Marxism* (vol. 5), *Revolution and Utopia* (vol. 6, no prelo).

Marcuse devolvia à história sempre uma questão: afinal de contas, por que a cada passo dado em direção à emancipação, recuamos dois passos para a dominação?

Esta questão é central para compreendermos a miscelânea de materiais publicados nos volumes dos *Collected Papers*. No caso deste último, em particular, notamos um campo vasto: a fenomenologia alemã, John Dewey, Freud, os movimentos de contracultura, os impactos políticos e culturais da ciência e tecnologia, e a potência crítica da ecologia – pluralidade que reflete bem no subtítulo: *Philosophy, Psychoanalysis and Emancipation*. Dentre todos os textos, podemos apreender uma dialética da emancipação e da dominação mediada pelo pensamento crítico: sendo Dewey, ao mesmo tempo, um democrata progressista limitado ao positivismo pragmático; Freud, um autor que talvez interesse mais por sua obsolescência na sociedade contemporânea do que propriamente por sua metapsicologia e sua terapia; e também, o movimento ambientalista que, embora insuficiente sem a crítica das instituições sociais e econômicas, opõe-se radicalmente à modernidade – pautada pela dominação e controle da natureza objetiva e subjetiva. No interior de todas estas investigações, um certo “pessimismo” orienta o discurso marcuseano, sobretudo quando aponta a impotência de todos estes movimentos diante das forças da realidade estabelecida. Todavia, nesta “fraqueza” oculta uma potencialidade simbólica, conforme o autor nos descreve:

(...) uma certa impotência parece ser uma característica inerente de qualquer oposição radical que permanece fora das organizações de massa dos partidos políticos, sindicatos, e por aí fora. (...) Protestos radicais modernos podem parecer condenados à significância marginal se comparados com a efetividade das organizações de massa. Contudo, tal impotência sempre foi a qualidade inicial de grupos e indivíduos que elevaram os direitos e metas dos homens acima e além das então chamadas metas realistas. A fraqueza destes movimentos talvez seja uma demonstração da autenticidade deles.³

Uma reflexão que nos revela um Marcuse utópico? Muito provavelmente. Ainda mais quando se trata de uma “utopia concreta”: o lugar dos impasses que a sociedade estabelecida nos conduz, as contradições que estão por ser enfrentadas, os tabus a serem rompidos.

³ MARCUSE, *Collected papers of Herbert Marcuse* – vol. 5, p. 213.

Filosofia, psicanálise (?) e emancipação

Posições como esta, de um pensador que procura pensar o seu tempo, por vezes acabam por condená-lo como um “autor datado”, que fixa seus conceitos ao período que vive. Decerto, algo deste movimento condenou Marcuse ao silêncio duas décadas após sua morte. Entretanto, atualmente, pode-se notar uma nova onda de trabalhos marcuseanos⁴. Sobretudo porque coletâneas como esta auxiliam a tornar mais instigante e complexa esta investigação. No caso particular deste quinto volume, um tema importante como a psicanálise é evidenciado e traz materiais importantes para compreender o freudo-marxismo marcuseano.

Talvez, não de um modo tão efetivo – é preciso ser dito. Se comparado à coletânea alemã de inéditos marcuseanos dedicado à psicanálise⁵ (que segue quase paralelamente a versão americana), o volume 5 dos *Collected Papers* sofre com a ausência de textos onde os temas freudo-marxistas seriam colocados em primeiro plano. Neste sentido, é possível questionar os organizadores da coletânea americana sobre qual o sentido de psicanálise proposto nesta edição. Afinal, qual o sentido de John Dewey ou da Ecologia no debate marcuseano com o freudismo?

Certamente, isto é mais do que uma mera “bricolagem” de temas. Como lembra Bento Prado Jr.⁶, a psicanálise marcuseana é paradoxal e os efeitos disso são apresentados em edições como esta. Lembrando *Eros e civilização*, o “retorno marcuseano à Freud” acompanha uma crítica imanente, que tensiona a psicanálise em seus limites e avanços. Não se trata pois, de recompor o velho Freud diante do revisionismo institucionalizante americano e europeu, mas de questioná-lo sobre o que ele tem a nos dizer. Ao fazê-lo, Marcuse repensa todo o seu quadro teórico e encontra em Freud um aliado para pensar os regimes sociais contemporâneos. De certo, como nos lembram os editores da coletânea: depois

⁴ Sobretudo, nos EUA. Com as coletâneas de artigos organizados por ABROMEIT & COBB, Herbert Marcuse: a critical reader, FARR, Critical Theory and Democratic Vision, ou KELLNER, PIERCE, LEWIS & CHO, Herbert Marcuse’s challenge of education. No caso brasileiro, os estudos marcuseanos estão presentes em teses (algumas publicadas) que procuram desenvolver discussões em torno dos fundamentos da teoria crítica (OLIVEIRA, O papel da filosofia na teoria crítica de Herbert Marcuse), debates estético-políticos (KANGUSSU, Leis da liberdade: as relações entre estética e política na obra de Herbert Marcuse) e debates em torno da ciência e tecnologia (PISANI, Técnica, Ciência e Neutralidade no pensamento de Herbert Marcuse).

⁵ Organizada por Peter-Erwin Jansen, a coletânea Herbert Marcuse – Nachgelassene Schriften chega ao sexto volume, com os seguintes temas: Das Schicksal der bürgerlichen Demokratie [O destino da democracia burguesa], Kunst und Befreiung [Arte e Libertação], Philosophie und Psychoanalyse [Filosofia e psicanálise], Die Studentenbewegung und Ihre Folgen [O movimento estudantil e suas consequências], Feindanalysen: Über die Deutschen [Análise do inimigo: sobre os alemães], Oekologie und Gesellschaftskritik [Ecologia e crítica social]

⁶ Cf. PRADO Jr., "Entre o Alvo e o Objeto de Desejo: Marcuse, Crítico de Freud".

da leitura crítica de Marcuse sobre Freud, podemos perceber uma nova linguagem teórica e conceitual emergente que impulsionou suas investigações em uma conceitualização de como os instintos biológicos dos indivíduos vem sendo direcionados no aparato produtivo das sociedades industriais avançadas⁷.

Eis a tese que orienta esta compilação de textos e a experiência de sua leitura.

Com esta marca, podemos dividir a edição em 3 grandes movimentos: a) o debate com a filosofia europeia e americana do início do século XX, marcadas com as passagens psicológicas de suas reflexões⁸; b) o debate com a psicanálise⁹; c) os resultados deste debate em outros campos: filosofia, ciência e tecnologia, cultura, política¹⁰. Com esta tríade, é possível apreender o raio de ação de um pensamento alimentado pelo freudo-marxismo.

Neste sentido, a psicanálise é apresentada na sequência dos textos, muito mais como um efeito necessário e transformador para aprofundar a crítica marcuseana ao pós-Guerra, do que propriamente um fundamento primeiro que organizaria sua teoria crítica. Na verdade, conforme a primeira sequência de textos, trata-se de um efeito da resposta frankfurtiana ao positivismo que encontram tanto na Europa quanto na academia americana. Pelos textos apresentados neste primeiro movimento dos *Collected papers*, o material para debate é vasto. Ainda mais quando se pode compreender melhor o papel que o positivismo desempenha na teoria crítica e, assim, obter um campo mais preciso das articulações entre as pesquisas empíricas e a teoria crítica, como a empreendida em torno dos *Estudos sobre o preconceito* em solo americano¹¹.

⁷ KELLNER, D., PEIRCE, C., LEWIS, T. "Introduction", p. 67.

⁸ Em que inserimos os textos das intervenções filosóficas: "Theses on the scientific philosophy", "Schiller's humanism", "Review of John Dewey's Logic: the theory of inquiry", "Critique of Dewey's Theory of valuation", "Idealism and positivism".

⁹ Destacamos aqui a parte dedicada às "intervenções psicanalíticas": "A reply to Erich Fromm", "Theory and therapy in Freud", "Obsolescence of psychoanalysis" e "The ideology of death".

¹⁰ Acompanhamos aqui a parte final, com os seguintes textos: "From ontology to technology: fundamental tendencies of industrial society", "World without logos", "The malcontent in the affluent society", "Anthropological perspectives of a technological epoch", "On science and phenomenology", "The responsibility of science", "On the position of thinking today", "Overcoming domination", "Peace as utopia", "The relevance of reality", "The role of religion in a changing society", "Conversation with Marcuse in Psychology today: revolutionary eroticism, the tactics of Terror, the young, psychotherapy, the environment, technology, Reich", "Ecology and the critique of modern society", "Children of Prometheus: 25 theses on technology and society" e "Critical philosophy: a personal perspective with Dr. Herbert Marcuse". Neste último conjunto, o material é variado, contendo intervenções e entrevistas com Marcuse.

¹¹ Cf. HORKHEIMER et al. Studien über Autorität und Familie: Forschungsberichte aus dem Institut für Sozialforschung.

Neste primeiro momento, a gramática marcuseana segue o materialismo dialético. A interferência de conceitos psicanalíticos é mínima diante de conceitos como universal, razão, sujeito. Enfim, o embate com o positivismo – que marca presença em todos estes textos iniciais da coletânea – se dá no campo filosófico. Neste sentido, Marcuse desenvolve uma história do positivismo; e, tratado como tendência histórica, contém mudanças ou retomadas, como reconhece no esforço de John Dewey, em conduzir uma nova teoria do conhecimento crítica ao predomínio da lógica formal.

No fundo, as resenhas de Marcuse sobre as obras do americano – *Teoria da Valoração* (1939) e *Lógica: a teoria da investigação* (1938) – exploram este movimento. Dewey não é um positivista conformista, mas um teórico pragmático da democracia e do conhecimento. Nestas duas obras, o que Marcuse ressalta é uma teoria deweyniana do sujeito enquanto fundamental para a investigação científica. Em *Teoria da valoração*, Dewey providencia “uma ocasião apropriada para discutir a função social do positivismo” ao apresentar a importância dos valores para o conhecimento, tratando como fundamentais os sujeitos com seus campos de desejos e interesses¹². Numa aproximação com um dos objetos mais caros à psicanálise, Dewey nota o desejo em um campo dado de falta. Mas, o sentido desta falta é diverso: trata-se da adaptação ao “contexto existencial” em que imperam o jogo dos desejos e das intenções. Na relação pragmática entre meios e fins, o sujeito se depara com uma rede de intenções e, diante deste contexto existencial, estabelece seus juízos, formulando seus conhecimentos e suas valorações. Assim, as proposições são verificáveis menos pelo formalismo analítico do que pelo contexto existencial em que um saber se instaura. Assim, em uma sociedade democrática – um dos principais objetos da pedagogia de Dewey – valores como a liberdade de expressão são fundamentais para avaliarmos o conhecimento ali produzido. Todavia, o valor presente em proposições cotidianas em adaptar uma necessidade a um campo existencial, seria – conforme Marcuse – insuficiente para uma crítica ao autoritarismo. Em outras palavras, a valoração funciona às mil maravilhas em um contexto existencial propenso à democracia; mas o mesmo valeria para o contexto existencial totalitário. Enfim, não se trata de afirmar Dewey como fascista. Mas de apresentar a insuficiência crítica deste autor diante do totalitarismo de então.

Isto exige de Marcuse pensar um novo campo para o desejo, o que aproxima nosso autor cada vez mais da gramática freudiana. Eis o segundo momento dos *Collected papers*. Seria com a investigação filosófica do pensamento de Freud em *Eros e civilização* que Marcuse consolida seu domínio sobre esta gramática e a crítica que está nela contida. Neste campo, os

¹² Aliás, Marcuse lembra da importância que Dewey tem para o positivismo, na medida em que sua teoria do juízo implode a neutralidade do sujeito, com valores que seguem além da mera aplicação do método, e que demandam das proposições lógicas a sua verificabilidade para além da sua factualidade neutra.

Collected Papers têm a vantagem de elucidar melhor o campo de debates em que *Eros e civilização* se insere. Não se trata de uma adesão à psicanálise, e sim da defesa do que considerava radical em Freud, bem como a crítica de seus aspectos mais conservadores, como as implicações sociais do discurso terapêutico.

Neste segundo sentido, podemos compreender as contraposições das trocas de cartas entre Marcuse e Fromm e o elogio marcuseano aos trabalhos de Theodor Reik, *Myth and Guilt*, bem como da coletânea de textos *Art and Psychoanalysis*, organizado por Willian Phillips¹³. Em todos estes casos, a questão central seriam os vínculos entre cultura, sociedade e psicanálise. Fromm procurou em diversos de seus escritos, uma perspectiva para consolidar os laços sociais mediante o amor e a felicidade. Tanto sua crítica social, quanto a clínica que orientava, contrapunham-se aos efeitos da alienação social, como o enfraquecimento das subjetividades e o adocimento da cultura no capitalismo contemporâneo¹⁴. Em contrapartida, as resenhas de Marcuse sobre as obras de Reik e Phillips, ressaltam uma alternativa para a psicanálise americana, recuperando aspectos críticos aos processos civilizatórios que preservam aspectos importantes da teoria libidinal freudiana, negligenciados por Fromm. Afinal, na análise do mito psicanalítico (como Freud identificaria sua metapsicologia) e na relação com a estética – dois aspectos deixados de lado pela psicanálise de Fromm, mas também pela psicanálise oficial da *International Psychoanalytical Association* (IPA) - Marcuse encontraria os aspectos mais radicais da proposta freudiana.

Crítico do discurso terapêutico, a radicalidade freudiana estaria, conforme *Eros e civilização* (1955), na investigação do “ser humano”. Embora, como reconhecerá alguns anos mais tarde (1963), em “A obsolescência da psicanálise”, trata-se de uma percepção da “formação humana que está em desaparecimento”¹⁵. Longe de significar que o discurso freudiano deve ser descartado, é na força negativa deste desvanecimento onde Marcuse encontra a força crítica da psicanálise. Decerto, compreender estas formulações sobre o discurso do homem na psicanálise significa compreender como a dialética opera no pensamento marcuseano. Trata-se do movimento que Ruy Fausto desenvolve em seu *Marx: lógica e política*, em que o pensamento dialético afirma a verdade do humanismo, pressupondo o humano que não está mais lá. Não se trata de negar a condição do humano, mas de notar as forças sociais que impelem para o seu desaparecimento, como a aniquilação de *Auschwitz*, ou a repressão policial das comunidades negras americanas, ou os *Gulags* soviéticos. Ao mesmo tempo, não se trata de *propor* o humano: ao afirmar o humano em desaparecimento, não se trata de afirmar uma “natureza humana” a ser recuperada. O humano é posto no seu desvanecimento; na luta fadada ao fracasso – dada as

¹³ Resenhas apresentadas no ensaio “Theory and therapy in Freud”.

¹⁴ Ver FROMM, *The Sane Society*, publicada em 1955, no mesmo ano de *Eros e civilização*.

¹⁵ MARCUSE, *Collected papers of Herbert Marcuse*, vol. 5, p. 110.

forças sociais existentes – porém existente, que Marcuse reconhecerá em muitos movimentos sociais que surgem nos anos 1960.

Neste jogo estranho de luz e sombras, de um ser humano que aparece se desvanecendo, a dialética marcuseana encontra na gramática freudiana um porto seguro: uma relação entre sujeito e realidade objetiva compreendida não pelas instâncias da consciência, mas nas elaborações pulsionais, naquilo que há de mais particular e mais geral entre todos nós, conforme a ontogênese e a filogênese freudiana: a luta existencial entre vida e morte. Geral, porque este conflito pertence ao que é humano, demasiado humano. Particular, porque em meio a isto, configuram-se as individualidades e seus sintomas, sofrimentos e angústias. O desvanecimento se dá nesta instância particular, pois a individualidade freudiana está deixando de existir diante das formas sociais de uma sociedade arquitetada tecnologicamente; e que, comprando o diagnóstico de Horkheimer, sofria de um declínio da autoridade paterna, substituída por novas ordens sociais. Desprovido de seu “espaço vital”, o eu desabrigado da família – onde se formava pelos conflitos edipianos, um complexo que fortalecia o juízo crítico do eu diante de objetos ambivalentes de amor e ódio, como a figura paterna – passa a habitar a realidade sem mediações. Ali, o eu encontra formações sociais que preenchem seu imaginário e suas identificações. Diferentemente dos conflitos edípicos, cujo enfrentamento levaria o eu a transvalorar a ordem familiar (seja através de um sintoma, seja – na melhor das hipóteses – através da consolidação de juízos críticos), os processos identificatórios com a ordem da realidade apenas leva ao desejo de preservação da ordem ou à agressividade contra aquilo que ameaça o *status quo*. Diante deste universo, o que entra em vias de desaparecimento é a “utopia” freudiana, em que o eu deve advir aos impulsos do inconsciente, do isso (ou seja, quando o sujeito passa a ser um indivíduo autônomo sobre seu desejo) e, paralela e objetivamente, estabelece o crescimento de uma tendência à burocratização da ordem social, cuja realidade passa a ser preservada enquanto valor último da existência.

O que resta da psicanálise?

Este cenário não compõe o quadro de um pessimismo atroz. Marcuse sabe que a potência crítica da psicanálise está na sua própria obsolescência. Ao tentar repôr um modo individual em um mundo que não permite mais sua existência, Freud lê a civilização à contrapelo. Um exercício que encontra radicalizado nos discursos posteriores a 1968. De fato, “a psicanálise não pode oferecer alternativas políticas, mas ela pode contribuir para a restauração da autonomia privada e a racionalidade”¹⁶. Seria nos movimentos políticos e

¹⁶ MARCUSE, Collected papers of Herbert Marcuse, pp. 121-122.

culturais dos fins dos anos 1960 que Marcuse encontraria uma resposta possível ao desafio das sociedades burocratizadas. Pois em tais movimentos a subjetividade autônoma seria posta em questão, recuperando aquilo que mais interessava ao freudo-marxismo marcuseano: as relações libidinais entre o sujeito e a realidade objetiva, e as potencialidades estéticas e críticas que isto implica.

Por isso mesmo, Marcuse não tem pudores em afirmar que o movimento ecológico apresenta, antes de mais nada, “um movimento político e psicológico de libertação”¹⁷. Afinal de contas, um movimento como esse possibilita inverter a lógica da dominação: não mais a sociedade pensando a relação com a natureza, mas a relação com a natureza pensando a sociedade. Movimento cuja plataforma mais importante não é a preservação dos bens naturais (e Marcuse reconhece em entrevista, que a relação com a natureza não é harmônica e pacífica, sendo esta tão terrível quanto a própria condição humana). De outro modo, trata-se de questionar nossa própria subjetividade, os modos de nossa racionalidade, a partir da relação com nosso espaço vital. Um modo da natureza colocar a civilização no divã.

Novamente, Marcuse sabe que movimentos como este não representam a revolução em si. São apenas novos caminhos que devem ser observados. Sabe, antes de tudo, da fragilidade de suas propostas diante de uma ordem unidimensional, capaz de absorver para si todas as suas oposições. Assim, a leitura dos *Collected papers* não revelam nenhuma chave da revolução – algo que Marcuse sempre pensou em termos de luta de classes, por mais inviável que pudesse ser. Mas, como bem afirma o posfácio de Andrew Feenberg, Marcuse “não vaticinou a revolução, mas elaborou as condições de sua possibilidade”¹⁸. Afinal, pensar na derrota dos processos revolucionários é um modo de fortalecer mais e mais as emancipações que ainda não foram conquistadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMEIT, John & COBB, W. Mark. *Herbert Marcuse: a critical reader*, New York: Routledge, 2004.

FARR, Arnold. *Critical theory and democratic vision: Herbert Marcuse and recent liberation philosophies*, Lexington Books, 2009.

FAUSTO, Ruy. *Marx: lógica e política – tomo 1*, São Paulo: Brasiliense, 1983.

¹⁷ MARCUSE, *Collected papers of Herbert Marcuse*, vol. 5, p. 212.

¹⁸ FEENBERG, “Remembering Marcuse” in MARCUSE, *Collected papers of Herbert Marcuse*, vol. 5, p. 240-241.

FEENBERG, Andrew. "Remembering Marcuse" in MARCUSE, H. *Collected papers of Herbert Marcuse*, New York: Routledge, 2010.

HOBBSAWN, Eric. *A Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*, São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

HORKHEIMER et al. *Studien über Autorität und Familie: Forschungsberichte aus dem Institut für Sozialforschung*. Frankfurt am Main: Dietrich zu Klampen Verlag, 2005.

KANGUSSU, Imaculada. *Leis da liberdade: a relação entre estética e política em Herbert Marcuse*, Loyola, 2008.

KELLNER, Douglas e all. *Herbert Marcuse's challenge of education*, New York: Rowman & Littlefield Pub., 2009.

_____. "Introduction" in MARCUSE, H. *Collected papers of Herbert Marcuse*, New York: Routledge, 2010.

LOUREIRO, Isabel. "Herbert Marcuse: anti-capitalismo e emancipação" in *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 28(2), 2005, pp. 7-20.

MARCUSE, Herbert. *One-dimensional man – studies in the ideology of the advanced industrial society*, Boston: Beacon Press, 1964.

_____. *Eros and civilization – a philosophical inquiry into Freud*, Boston: Beacon Press, 1966.

_____. *Collected papers of Herbert Marcuse (vol. 1 – 5)*, New York: Routledge, 1998-2010.

_____. *Herbert Marcuse's nachgelassene Schriften (bd. 1-6)*, Lüneburg: Klampen, 2000-2009.

OLIVEIRA, Robespierre de. *O papel da filosofia na teoria crítica de Herbert Marcuse*, tese de doutorado em filosofia pela FFLCH/USP, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Eduardo Arantes, 2001.

PISANI, Marília M. *Técnica, ciência e neutralidade no pensamento de Herbert Marcuse*, tese de doutorado em filosofia pelo departamento de filosofia da UFSCAR, sob a orientação do Prof. Dr. Wolfgang Leo Maar, 2008.

PRADO Jr., Bento. "Entre o Alvo e o Objeto de Desejo: Marcuse, Crítico de Freud" in *Filosofia e Psicanálise*, São Paulo: Brasiliense, 1990.